



**LINGUAGEM, TERRITÓRIO E CULTURA:  
CRUZAMENTOS ENTRE A AÇÃO HUMANA E A  
NATUREZA NA TOPONÍMIA ALAGOANA**

***LANGUAGE, TERRITORY AND CULTURE: CROSSES  
BETWEEN HUMAN ACTION AND NATURE IN  
ALAGOAN TOPONYMY***

Prof. Dr. Pedro Antonio Gomes de Melo<sup>i</sup>

**RESUMO** – Por meio da língua, os sujeitos projetam realidades e representações, constroem interações e compartilham experiências sociais e culturais. Sendo assim, o estudo do ato de nomear aglomerados humanos e o seu produto – o signo toponímico – pode desvelar aspectos que estão intrinsecamente ligados à dinâmica de organização territorial, às relações de poder social, econômico, político e ideológico etc., constituindo-se, portanto, em um acervo linguístico-cultural de um patrimônio não apenas verbal, mas um patrimônio cultural imaterial, que revela a relação entre o ser humano e o processo de territorialidade. Por esse viés, esta pesquisa objetivou investigar as causas e as motivações que permeiam as relações discursivas no processo de nomeação dos povoados que constituem o território do município de Igaci, localizado na região agreste de Alagoas. Quanto aos aspectos teórico-metodológicos, trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza teórica, de vertente lexicológica de cunho bibliográfico, de

abordagem quali-quantitativa, inserida no paradigma emergente de ciência pós-positivista, e fundamentada pelos princípios teórico-metodológicos da Toponímia tradicional, em especial a proposta de categorização de Dick (1990, 1992; 2006; 2007); ISQUERDO, 2012; ISQUERDO & DARGEL, 2020.) em diálogo com as concepções de território (SANTOS; SILVEIRA, 2002; SANTOS, 2009.) e de cultura (CHAUÍ, 1995; BOTTELHO, 2001; ROCHA & ALMEIDA, 2005.) Os resultados apontaram que os aspectos da paisagem natural do espaço geográfico de Igaci – vegetação e hidrografia – se revelaram como fatores determinantes para a nomeação dos povoados no território Igaciense, evidenciando a relação entre a sociedade (ação humana) e a natureza (ação ambiental), compreendidas como inseparáveis, traduzindo valores culturais que ligam identitariamente os indivíduos no espaço geográfico, moldando o território e edificando sentimentos de domínio, de pertencimento, de manifestação de poder.



**PALAVRAS-CHAVE** – Linguística; toponímia; territorialidade; saberes locais; Alagoas.

**ABSTRACT** - Through language, subjects project realities and representations, build interactions, and share social and cultural experiences. Therefore, the study of the act of naming human clusters and its product – the toponymic sign – can reveal aspects linked to the dynamics of territorial organization, social, economic, political, and ideological power relations, etc., thus constituting a linguistic-cultural collection of not only verbal heritage but intangible cultural heritage, which reveals the relationship between human beings and the process of territoriality. From this perspective, this research aimed to investigate the causes and motivations that permeate the discursive relationships in the process of naming the villages that constitute the territory of the municipality of Igaci, located in the rural region of Alagoas. As for the theoretical-methodological aspects, it is a descriptive

research of a theoretical nature, with a lexicological aspect of a bibliographic nature, with a qualitative-quantitative approach, inserted in the emerging paradigm of post-positivist science, and based on the theoretical-methodological principles of Toponymy traditional, especially Dick's (1990; 1992; 2006; 2007) categorization proposal in dialogue with the conceptions of territory and culture. The results showed that aspects of the natural landscape of the geographic space of Igaci - vegetation and hydrography - revealed themselves as determining factors for the naming of villages in the Igaciense territory, highlighting the relationship between society (human action) and nature (environmental action), understood as inseparable, translating cultural values that link individuals in geographic space, shaping the territory and building feelings of dominance, belonging, and manifestation of power.

**KEYWORDS** – Linguistics; toponymy; territoriality; local knowledge; Alagoas.

### **Introdução**

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se inter cruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais. (DICK, 1990, p.19)

Pelo supracitado, apreendemos que o nome de lugares habitados - subconjunto do acervo virtual e real de uma língua natural -

não apenas identificam espaços geográficos sob uma dimensão pontual (localização espacial absoluta), mas traduzem uma intencionalidade do sujeito-nomeador de expressar domínio do território, de referência identitária, de conhecimento e até de manifestação de poder.

Pesquisadores que se ocupam de temas acerca do repertório toponímico já evidenciaram, muitas vezes, a importância desses estudos para a edificação e a obtenção de diversos conhecimentos que podem ser associados a várias áreas do



saber. Pois a toponímia de uma dada região é constantemente atravessada por determinados períodos e contextos históricos, que acabam por influenciar modificações, transformações, desusos e novas possibilidades de nomeação de lugares de acordo com cada época.

No entanto, investigações científicas relacionadas à toponímia de Alagoas, considerando o contexto histórico em que surgiu, em diálogo com elementos que permeiam as relações entre o território e a cultura ainda são escassas e as poucas pesquisas toponímicas realizadas no campo onomástico sobre topônimos alagoanos têm ficado restritas, quase sempre, ao público universitário.

Daí a justificativa desse estudo, pois pesquisar a prática de nomear lugares<sup>1</sup> em Alagoas, relacionando-o e integrando-o com as concepções de território e cultura é tecer novas práxis e novos saberes no campo da Toponímia, é compreender o processo histórico de composição da toponímia alagoana, é refletir epistemologicamente o espaço que vivemos, suas condições naturais,

modificações territoriais e relações com práticas e intervenções humanas.

Sob esse olhar, este estudo objetiva apresentar as possíveis causas/motivações denominativas<sup>2</sup> que permeiam as relações discursivas no processo de nomeação dos povoados que constituem o território do município de Igaci, localizado na região agreste de Alagoas e, conseqüentemente, revelar singularidades de um recorte da toponímia de aglomerados humanos do Brasil.

O recorte denominativo que constituiu o *corpus* desta pesquisa é composto pelos seis nomes oficiais dos seis povoados igacienses, inventariados na representação cartográfica da Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio de Alagoas – SEPLAG (2022)<sup>3</sup> e junto ao Banco de Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE<sup>4</sup> (2023), que conforme o Censo Demográfico de 2022 correspondem à totalidade dos povoados pertencentes ao território do município de Igaci, localizado no agreste alagoano, quais sejam: (1) *Caraibinha*, (2) *Coité das Pinhas*, (3) *Lagoa de Cadeirão*, (4) *Lagoa do Capim*, (5) *Lagoa do Félix* e (6) *Novo Rio*.

<sup>1</sup> Corroboramos com Relph quando diz “Lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança” (RELPH, 1979, p. 156).

<sup>2</sup> Neste estudo, entendemos causa/motivação denominativa “como o motivo encontrado para o surgimento do topônimo que pode ser buscado por meio de uma pesquisa histórica acerca do nome analisado [...] Enfim, a causa denominativa revela o porquê de um lugar ter recebido um determinado nome e não a taxionomia a que pertence esse

designativo, uma vez que a taxa, conforme Dick, envolve o significado do topônimo como signo de língua registrado em dicionários ou em uso comprovado no âmbito de um léxico regional (DARGEL; ISQUERDO, 2020, p. 241).

<sup>3</sup>Disponível em: <https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/8a9868a5-c2ec-4576-9df3-ca7e111381be/resource/981b0098-63e9-4191-94fd-8a96cbbcbc17/download/igaci.png>. Acesso 15 fev 2024.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso 15 fev 2024.



Quanto à metodologia empregada, trata-se de um estudo toponímico de vertente lexicológica de cunho bibliográfico, de abordagem quali-quantitativa, fundamentada pelos princípios teóricos da Toponímia tradicional, em especial a proposta de categorização de Dick (1990; 1992; 2006; 2007) em diálogo com as concepções de território e de cultura.

Este artigo está dividido em três seções: a primeira traz o universo da pesquisa, o lócus, pondo em foco uma breve caracterização da geografia física e da formação histórica de Igaci/AL; a segunda traz a fundamentação teórica que norteou esta investigação, abordando, de forma concisa, alguns conceitos básicos da área. Dos estudos sobre Território, Cultura e Toponímia, com base na literatura canônica tanto no cenário nacional quanto internacional; na terceira seção, exibem-se a análise e os resultados obtidos. Ao final do artigo, expõem-se as considerações finais e as referências.

### **O universo da pesquisa: o território igaciense**

O meio ambiente é tão completamente penetrado e reordenado pela vida sociocultural humana que nada mais pode ser chamado com certeza de apenas natural ou social. A natureza transformou-se em áreas de ação nas quais precisamos tomar decisões políticas, práticas e éticas (BECK, GIDDENS; LASH, 1997).

Dessa forma, logo que a ação humana interfere na natureza de determinado lugar, gera-se e promove-se o espaço geográfico.

Ele é produzido através das práticas humanas, balizado pela organização social, política, cultural e econômica de determinada sociedade no decorrer do tempo histórico.

Nesse sentido, pensar o lugar e os seu processo de nomeação significa também discorrer sobre:

[...] a história particular (de cada lugar), se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é, que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição mundial. (CARLOS, 1996, p. 20).

A seguir, apresentamos uma breve descrição do lócus desta pesquisa, compreendido como o território do município de Igaci, localizado na região do agreste de Alagoas, definido como um pedaço de terra apropriado pelos seus municípios igacienses, dentro dos limites da jurisdição político-administrativa, ou seja, uma parte integrante do espaço, onde ocorrem relações/disputas de poder. Portanto, marcas de tais relações de poder podem estar materializadas nos nomes atribuídos aos seus seis povoados.

No ponto de vista de sua geografia física, conforme os dados apresentados na Figura 1: Mapa político-administrativo de Igaci, o espaço geográfico natural do referido município tem seus limites com os seguintes municípios: ao Norte, com Palmeira dos Índios (17 Km) e Estrela de Alagoas (28,1



km); ao Leste, com Belém (39,2 Km) e Taquarana (45,3 Km); ao Oeste, com Cacimbinhas (58 Km) e Major Isidoro (69,3 Km); ao Sul, com Arapiraca (27,8 Km), Coité do Nóia (18,5 Km) e Craíbas (28,8 Km) e está inserido na região geográfica intermediária de Arapiraca, inserido na

região imediata de Palmeira dos Índios do estado de Alagoas. (SEPLAG, 2023)

O município apresenta um clima quente e úmido, registrando-se máximas de 30° e mínimas de 18°. O inverno começa normalmente em maio, terminando em agosto., apresentando um clima tropical.



Figura 1

Representação cartográfica de Igaci (2022)

Fonte: Alagoas em dados. Disponível em: <https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/8a9868a5-c2ec-4576-9df3-ca7e111381be/resource/981b0098-63e9-4191-94fd-8a96cbbcbcb17/download/igaci.png>. Acesso 15 fev 2024.

De acordo com o IBGE (2023), do ponto de vista de sua geografia humana, o território de Igaci teve como fundador o português João de Lima Acioli que deu início ao seu povoamento. Chegou ele nos meados do século XIX, implantando ali um sítio que teve grande desenvolvimento. Tendo em vista o grande número de olhos d'água (fonte natural de água) existentes na região, assim, o lugar foi denominado de Olho D'Água do Acioli.

Pelo fato de a água ser bastante abundante no local, inúmeras famílias de

regiões atingidas frequentemente pelas secas, fixaram-se ali suas residências. Seu maior incremento foi a partir de 1877, quando Alagoas sofreu uma de suas maiores estiagens. Exatamente pela fartura de água existente, grande parte de sertanejos deslocou-se para Olho D'Água do Acioli e em pouco tempo estava formado o primeiro aglomerado urbano do futuro município.

A lei estadual nº 428 de 15 de junho de 1904 elevou Olho D'Água do Acioli a categoria de Vila, como distrito judiciário de Palmeira dos Índios. A implantação da



estrada de ferro pela ex-*Grewestern*, hoje Rede Ferroviária Federal do Nordeste também contribuiu de forma decisiva para a afirmação econômica da vila. Nessa mesma época, teve o nome substituído para o topônimo Igaci, de origem tupi *y-assy* que significa “rio pestilento, rio doente”. (TIBIRIÇÁ, 1997).

O comércio atravessou por fase áurea no mesmo período, quando inúmeras 'bolandeiras' (descarçadores de algodão) foram instaladas aproveitando as safras generosas de suas lavouras. Aos poucos, porém, levados por vários fatores, seus proprietários acabaram por fechá-los, existindo apenas um na atualidade.

A emancipação política de Igaci ocorreu por força da Lei nº 2087 de 27 dezembro de 1957, instalando-se oficialmente a 12 de janeiro de 1959, desmembrado de Palmeira dos Índios e integrado por um único distrito, o da sede, situação que ainda hoje permanece. O município tem duas principais festividades: a Emancipação Política e a festa da padroeira, Nossa Senhora da Saúde. Outro atrativo é o banho no rio Jacuípe.

Pelo exposto, procuramos contextualizar sucintamente o lócus desta incursão toponímica na parte sul da antiga Capitania de Pernambuco (Capitania Nova Lusitânia) no Nordeste do Brasil, atual estado de Alagoas, mais especificamente o município de Igaci.

### **Território, cultura e toponímia: uma relação de inclusão**

A partir da conceituação de espaço geográfico, abarcaremos a categoria conceitual de Território e Cultura, fundamentais para a apreensão de fenômenos espaciais que se manifestam através dela, inclusive a prática linguístico-cultural de nomear lugares objeto de estudo da Toponímia.

Primeiramente, ao pensar a noção de território, devemos considerar que os termos território e o espaço não são sinônimos, isto é, o espaço consiste num “conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (SANTOS, 2009, p. 21). Desta forma, o espaço geográfico pode ser conceituado como a parte da superfície da Terra onde ocorrem as interações entre o ser humano e o ambiente natural.

Em outros termos, o espaço é interpretado e dinamizado a partir de ações e práticas humanas, que por sua vez, são impulsionadas pela natureza, se dando em uma relação recíproca de influências. Com efeito, os seis povoados igacienses: (1) *Carabinha*, (2) *Coité das Pinhas*, (3) *Lagoa de Cadeirão*, (4) *Lagoa do Capim*, (5) *Lagoa do Félix* e (6) *Novo Rio* se caracterizam como espaços geográficos, uma vez que o ser humano interfere/interferiu na natureza desses lugares.

Por sua vez, território consiste numa “extensão apropriada e usada e como nome político para o espaço de um país.” (SANTOS; SILVEIRA, 2002). Isso quer dizer que o território não existe sem o espaço geográfico. Com efeito, ao se apropriar de um espaço concreto ou



abstratamente um ator ou um grupo de atores territorializa aquele espaço, transformando-o num território.

Como visto, a acepção de território se encontra ligada à demarcação de espaços delimitados, definidos, geralmente, a partir de fronteiras, visíveis ou não, formadas e motivadas por interesses sociais, políticos, econômicos, culturais, religiosos e geográficos, os quais podem ser transformados de acordo com dinâmicas sociais que produzem novos interesses e relações de poder. Logo, o território igaciense se constitui também em suas relações sociais projetadas nesses espaços habitados (povoados).

Na busca de definirmos uma concepção de cultura, diante da multiplicidade de interpretações e usos na contemporaneidade, partimos da definição de cultura como um sistema de signos e significados criados pelos grupos sociais, oriundo “[...] da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas” (BOTTELHO, 2001, p.2).

Dito de outra maneira, compreendida como o “resultado natural da interação entre o homem e a natureza e do homem com seus semelhantes” e como o “[...] resultado de seu mundo de acordo como o vivem, o percebem e o concebem (ROCHA; ALMEIDA, 2005. p. 3). Se assim for, cultura consiste numa teia de significados, num conjunto de tradições, conhecimentos e práticas e representações

individuais e sociais, projetados na língua de um povo, inclusive determinando escolhas toponímicas.

É importante observar que na relação natureza e cultura, quando pensamos na paisagem natural como fator de motivação toponímica, ela passa a depender da cultura do sujeito-nomeador que a percebe e a constitui, muitas das vezes, de forma não transparente com a realidade, uma vez que cada indivíduo é único e constituído por experiências no tempo e no espaço de formas muito específicas, apesar de partilhadas e com interligação entre si. Portanto, a paisagem é um produto cultural e possui uma relação de proximidade com o território, visto que a paisagem pode ser compreendida como uma unidade visível do território.

Devido ao papel imprescindível que o aspecto cultural desempenha na influência do comportamento das pessoas, as paisagens passaram a apresentar marcas culturais na sua configuração e a receber identidade particulares. Tais marcas podem estar materializadas signos toponímicos atribuídos aos povoados igacienses.

Neste estudo, adotamos o conceito de cultura como criação coletiva de símbolos, valores, ideias e comportamentos, “de modo a afirmar que todos os indivíduos e grupos são seres e sujeitos culturais” (CHAUÍ, 1995, p.81). Assim, entendemos cultura como uma estrutura social que dá significado à nossa existência. Ela não é estática, mas sim dinâmica e está em constante mutação.



Ao tratarmos do campo da Toponímia (dos helenismos τόπος, ‘lugar’, e ὄνομα, ‘nome’, ou seja, nome de lugar), atualmente, a toponomástica, é uma área de estudo inserida no campo linguístico das Ciências do Léxico que têm como objeto de análise o léxico toponímico, isto é, o “conjunto de unidades lexicais investidas da função de nome próprio de lugar que podem reunir formas do vocabulário comum, alçadas à categoria de topônimos” (ISQUERDO, 2012, p. 116), buscando estudar a origem, motivação, variação e mudança dos nomes próprios de lugares.

Na contemporaneidade, há uma expansão do seu escopo teórico, que partiu do campo geográfico para o linguístico, modificando, portanto, “[...] A relação de causa e efeito porque ‘nome e coisa nomeada’ passam a significar o mesmo dado, do ponto de vista semântico” (DICK, 2007, p. 144, grifo da autora).

A Toponímia se configura a partir do suporte de outros campos do saber, que possibilita uma troca de saberes e um mútuo enriquecimento, podendo, conforme a abordagem, apresentar um caráter interdisciplinar (observação da realidade realizada por meio da transferência de conhecimento de uma disciplina para outra), pluridisciplinar (observação da realidade realizada por várias disciplinas do conhecimento, havendo troca entre elas) transdisciplinar (observação da realidade realizada na interseção dos conhecimentos das disciplinas) ou multidisciplinar (observação da realidade realizada por disciplinas do conhecimento isoladamente),

característica essencial para investigar as singularidades de um dado território. Assim, podemos compreendê-la como uma ciência interativa e sistêmica.

A escolha de nome próprio para nomear um lugar, no sistema onomástico, não se dá de maneira despropositada, neutra ou aleatória, mas intencional, que ocorre num contexto permeado por uma multiplicidade de sentidos que, por sua vez, fazem parte de um universo sócio-histórico-cultural que deve ser estudado pelo pesquisador-toponimista.

Isso sugere que há “[...] intenções bem delineadas, mas que se tornam menos claras considerando-se o seu esvaziamento semântico pelo decurso do tempo entre a criação do termo e o seu emprego cronológico” (DICK, 2006, p. 99). Seu produto resultante, o topônimo, apresenta “[...] força não apenas impositiva, mas identitária porque situa o objeto nomeado no quadro das significações, retirando-o do anonimato” (DICK, 2007, p. 143).

Como exposto ao longo desta segunda seção, quando relacionamos a noção de território e de cultura à toponímia, percebemos suas interseções, pois os sujeitos-nomeadores não apenas externam pensamentos e sentimentos nas escolhas toponímicas, mas também atuam uns sobre os outros através da linguagem, revelando traços de condutas humanas sociais e culturalmente contextualizadas que remetem às intenções explícitas ou às veladas das relações de poder.



### **Apresentação das fichas lexicográfico-toponímicas dos povoados igacienses**

É relevante destacar que diferentemente dos nomes de municípios, que são criados a partir de Leis e apresentam farta documentação escrita, os nomes de povoados, geralmente, não têm registros escritos para explicar sua origem ou motivação. Em virtude disso, as histórias dos nomes dos povoados alagoanos se constituem numa memória toponímica que, normalmente, são contadas por populares, passadas de geração a geração que viveram no nascente povoado, na época, e foram repassando os relatos orais para outras gerações.

Por essa razão, as causas e motivações dos nomes analisados nesta pesquisa foram coletadas por meio de narrativas orais de moradores locais. Essas narrativas são tratadas como “documentos”, conforme considerou Bolle (2010, p. 19), pois “têm origem em um determinado contexto histórico-social e carregam representações de uma coletividade”. Daí a relevância de um registro das narrativas de moradores

antigos que contam a origem e as motivações toponímicas desses aglomerados rurais e que nos permitem a (re)construção das histórias social desses povoados alagoanos.

Dessa forma, a subjetividade se marca nesta pesquisa, pois o nomeador é um sujeito situado social e historicamente e os topônimos, nomes comuns convertidos em nomes próprios designativos de lugar, remetem à intencionalidade do ser humano, em um determinado contexto cultural – compreendido como um sistema de valores e interesses a ele associado que permanecem firmados nos signos toponímicos.

Os seis nomes dos povoados de Igaci serão apresentados em fichas lexicográfico-toponímicas e analisados quanto ao significado de seus formantes e quanto às possíveis razões que teriam levado o sujeito-nomeador ou a comunidade àquela escolha. Para facilitar a leitura e a compreensão das fichas apresentamos, a seguir, um modelo, seguido de uma sucinta descrição de cada um de seus constituintes.

<b>Topônimo</b> – Considera o nome oficial do povoado do município de Igaci/AL.
<b>Etimologia</b> - Trata da origem etimológica, traz a explicação de seu significado por meio da análise diacrônica dos elementos que as constituem.
<b>Taxionomia</b> – As taxes toponímicas permitem caracterizar os nomes dos povoados com maior segurança do ponto de vista semântico, partindo de sua natureza física ou antropocultural. Será seguido o modelo apresentado por Dick (1990 e posteriores).
<b>Estrutura Morfológica</b> – O nome de povoados será dividido em três grupos: elemento específico simples, elemento específico composto e elemento específico híbrido. Nesse item, apresenta-se uma descrição no plano morfológico do topônimo, caracterizando-o..



**Nota:** – Levantamento da história do povoado e das motivações dos nomes dos povoados em registros virtuais e a partir de relatos orais de moradores locais

**Fonte** – Serão creditados às fontes de consultas (informantes, autores, obras e sites), nos quais as pesquisas foram realizadas.

#### Quadro 2

Modelo adaptado de Dick (2007): fichas lexicográfico-toponímicas **Fonte:** Autor (2024).

Estas fichas são necessárias para a interpretação dos designativos das localidades, em virtude de conter vários campos conceituais (localização, etimologia, informações lexicais e enciclopédicas, etc.) que fornecem dados relevantes sobre cada nome de povoado. Daí a importância de considerarmos também questões mais abrangentes de natureza extraverbal nas análises dos nomes dos povoados possibilitando uma melhor compreensão dos processos denominativos expressos na toponímia de aglomerados humanos de Alagoas.

#### Os fitotopônimos

Os fitotopônimos são nomes de lugares que fazem alusão à flora em geral de índole vegetal, em sua individualidade ou em conjunto. Nesse grupo de topônimos, evidenciamos a intencionalidade do sujeito-nomeador associada à descrição de espécies de árvores em sua individualidade (1) *Caraibinha* ou à descrição do fruto da árvore (2) *Coité das Pinhas*, vegetação comum na região em que o território do município está alocado, materializando no léxico toponímico traços das especificidades naturais da flora igaciense.

#### Ficha lexicográfico-toponímica do povoado de Caraibinha

**Caraibinha** [caraibense; tup.; simples]

Localizado na Mesorregião do Agreste Alagoano, Microrregião de Palmeira dos Índios, Município de Igaci. Topônimo classificado como *Fitotopônimo*. Constituído por ML *caraib-* + MGD *-inha*. Etim. *sf.* do tup. *carayba* ‘árvore da família das bignoniáceas’ (TIBIRIÇÁ, 1985).

**Nota:** A região onde está localizado o povoado Caraibinha é resultado de uma doação de terra feita por um senhor conhecido como Zé Vaqueiro. Segundo a tradição, a motivação desse topônimo está relacionada a dois pés de árvores denominados de caraibeiras - também conhecida como Craibeira, caraíba ou caraibeira - que ficavam às margens de uma lagoa no terreno da família de Zé Vaqueiro e serviam como referência espacial para o lugar. Nos dias de hoje, a lagoa, que era utilizada pela população, ainda pode ser encontrada na comunidade, porém não é mais possível ver as árvores. Contudo, se tornou um costume denominar o povoado de Caraibinha, nome que permanece até os dias de hoje.



**Fonte:** *Diacaatingaflora.blogspot.com* (2019); relato oral (2019).

### Ficha lexicográfico-toponímica do povoado Coité das Pinhas

**Coité das Pinhas** [pinhense; tup. + lat.; híbrido]

Localizado na Mesorregião do Agreste Alagoano, Microrregião de Palmeira dos Índios, Município de Igaci. Topônimo classificado como *Fitotopônimo*. Constituído por ML *coite*  $\overline{\text{r}}$ , f. dep. *de* + *a* = *da* + MGF *-s* = *das*, ML *pinh-* + VT *-a* + MGF *-s*. Etim. *sm.* do tup. *cui-té* ‘cabaça usada como recipiente’ (TIBIRIÇÁ, 1997), *sm.* do lat. XVI *pineae* ‘fruto do pinheiro’ (CUNHA, 2010).

**Nota:** Moradores antigos relatam que o povoado surgiu a partir da vinda de Beijamim Rocha Pereira, o primeiro morador veio com sua família da cidade de Limoeiro de Anadia e fixou moradia nas terras onde hoje se localiza o atual povoado de Coité das Pinhas. A motivação do nome se deu à flora da região. Segundo relatos de moradores, no início do povoamento do lugar havia muitos pés de pinhas e um grande pé de coité muito vistoso. Daí os moradores passaram a denominar o povoado de Coité das Pinhas, em referência à presença

dessas árvores. Topônimo que permaneceu até os dias de hoje.

**Fonte:** *Relato oral* (2019); *jardimexotico.com.br* (2020).

Nessa direção, identificamos, em língua indígena, a valoração de árvore<sup>5</sup> e fruto<sup>6</sup> como referenciais denominativos desses lugares, não apenas descrevendo-os de forma objetiva, mas traduzindo uma visão dos aborígenes e/ou de seus colonizadores em relação aos aspectos da paisagem natural de dadas áreas territoriais de Alagoas.

Nessa perspectiva, podemos entender o léxico toponímico como um importante meio de identidade de que dispõe uma população e, por essa razão, ocupa um lugar de destaque na cultura de um povo. Nesse caso, ele materializa linguisticamente elementos atuantes, que se inter cruzam e revelam especificidades do território igacienses;

Vale sinalizar que esses dois topônimos de origem indígena já estão integrados ao português brasileiro e que, na época do batismo dos povoados, eles provavelmente já não se configuravam como nomes transparentes para a maioria da população, constituindo, portanto, fósseis linguísticos, servindo como heranças vivas que mantêm vestígios de antigas culturas locais.

<sup>5</sup> Caraienha faz alusão à árvore caraienas - também conhecida como craibeira, caraiá ou caraiéira. É um nome de origem tup. *carayba* ‘árvore da família das bignoniáceas’ (TIBIRIÇÁ, 1997).

<sup>6</sup> Coité é o fruto dos pés de coitizeiros, é um nome de origem tup. *cui-eté* ‘cabaça usada como recipiente’ (TIBIRIÇÁ, 1997).



### Os hidrotopônimos

Os hidrotopônimos são nomes de lugares que fazem alusão ao elemento água e acidentes hidrográficos em geral. Nesse grupo de topônimos, identificamos três nomes de povoados: (3) *Lagoa do Caldeirão*, (4) *Lagoa do Capim* e (5) *Lagoa do Félix*. Como podemos atestar, todos apresentaram o nome “Lagoa” com apenas um elemento diferenciador.

No conjunto dos nomes relativos ao elemento água e acidentes hidrográficos em geral, os hidrotopônimos - evidenciamos uma tendência para o emprego dessas denominações em território igaciense, demonstrando a valoração do recurso vital água como motivação toponímica. E, em função disso, observamos que esses vínculos denominativos se realizaram em duas esferas complementares em que o elemento água se sobressai, quais sejam: lagoa e rio.

### Ficha lexicográfico-toponímica do povoado Lagoa Do Caldeirão

**Lagoa do Caldeirão** [caldeirense; lat.; composto]

Localizado na Mesorregião do Agreste Alagoano, Microrregião de Palmeira dos Índios, Municípios de Igaci e Palmeira dos Índios. Topônimo classificado como *Hidrotopônimo*. Constituído por ML *lago-* + VT *-a*, f. dep. *de + o = do*, ML *cald-* + MGD *-eir* + MGF *-ão*. Etim. do lat. XIII *lacuna*, de *lacus* ‘porção de água circundada por terras’, *sm.* do lat. XVI *caldarius* ‘alimento líquido à base de água’ (CUNHA, 2010).

**Nota:** O início do povoado Lagoa do Caldeirão está ligado à história de um homem chamado José Camilo Pereira da Fonseca, mais conhecido pelo apelido de seu Cazuzá. Ele era um vendedor de cachaça de engenho e rapadura. De acordo com relatos de moradores locais, Sr. Cazuzá vinha com burros carregados, desde a região do Município de Boca da Mata para Palmeira dos Índios. Ao chegar ao lugar, hoje conhecido como povoado Lagoa do Caldeirão, Cazuzá achou que ali era uma boa região para se estabelecer, pois acabara de ficar viúvo e com oito filhos para criar. Juntamente com ele, também vinha a sua irmã, Josefa Barbosa da Silva, conhecida como dona Sinhá, esta, por sua vez, trazia dez filhos consigo. Nesta região onde eles decidiram se fixar, havia uma lagoa, que até hoje pode ser vista no povoado, e próximo a ela existiam alguns pés de caldeiro (um tipo de vegetação que tem o fruto em formato de vaso utilizado para se retirar água). Cazuzá e a família davam água aos animais naquela lagoa que tinha uns “pés de caldeirão”, como os moradores nativos chamam essa espécie de árvore, dando ênfase ao tamanho do fruto, por esse motivo se tornou um costume denominar o povoado de Lagoa do Caldeirão, nome que permanece até os dias de hoje.

**Fonte:** relato oral (2019); Melo (2015).

### Ficha lexicográfico-toponímica do povoado Lagoa do Capim



**Lagoa do Capim** [capiense; lat. + tup.; híbrido]

Localizado na Mesorregião do Agreste Alagoano, Microrregião de Palmeira dos Índios, Município de Igaci. Topônimo classificado como *Hidrotopônimo*. Constituído por ML *lago-* + VT *-a*, f. dep. *de + o = do*, ML *capim*  $\overline{\text{T}}$ . Etim. *sm.* do lat. XIII, *lacuna*, de *lacus* ‘porção de água circundada por terras’, *sm.* do tup. *ka’piü* ‘nome de diversas plantas das famílias das gramíneas e das ciperáceas; erva, mato em geral’ (CUNHA, 2010).

**Nota:** Conta a história que os irmãos José Vicente Ferreira da Silva e Manuel Vicente Ferreira da Silva, chamados popularmente de Zé Vicente e Mané Vicente foram os fundadores do povoado Lagoa do Capim. Eles compraram algumas terras na região e começaram a desenvolver o local, o crescimento local atriu novos moradores. A motivação do nome Lagoa do Capim é referente à lagoa existente na região na época do povoamento local, a qual era cercada por uma grande quantidade de vegetação de capim, os moradores utilizavam a lagoa para dar água ao gado, já o capim, tipo de gramínea usada como forragem para o gado, era usado como alimento pelos bovinos. Em razão disso, se tornou um costume denominar o povoado de Lagoa do Capim, nome que permanece até os dias de hoje.

**Fonte:** *relato oral* (2019).

**Ficha lexicográfico-toponímica do povoado Lagoa do Félix**

**Lagoa do Félix** [felixense; lat.; composto]

Localizado na Mesorregião do Agreste Alagoano, Microrregião de Palmeira dos Índios, Município de Igaci. Topônimo classificado como *Hidrotopônimo*. Constituído por ML *lago-* + VT *-a*, f. dep. *de + o = do*, ML *Félix*  $\overline{\text{T}}$ . Etim. *sm.* do lat. XIII, *lacuna*, de *lacus* ‘porção de água circundada por terras’ (CUNHA, 2010), *sm.* do lat. ‘feliz’ (GUÉRIOS, 1981).

**Nota:** Antigamente um senhor chamado Félix, primeiro morador do povoado, viu a necessidade de se fazer uma lagoa (açude) para utilização do trabalho no campo. Os moradores também utilizavam essa fonte de água e passaram a chamá-la de Lagoa do Seu Félix, com o passar do tempo e devido ao desenvolvimento do lugar, a localidade foi denominada de **Lagoa do Félix**, fazendo alusão à lagoa artificial que ficava nas terras do seu Félix. Em razão disso, se tornou um costume denominar o povoado de Lagoa do Félix, nome que permanece até os dias de hoje.

**Fonte:** *relato oral* (2019).

Neste contexto, ressaltamos que, de modo geral, a ocupação do homem em um dado território apresenta forte ligação com os cursos d’água natural ou artificial, sendo, às vezes, os primeiros elementos do meio ambiente natural a serem batizados no nascedouro de um aglomerado humano,



podendo até se toponimizar no próprio nome da localidade, como aconteceu, por exemplo, nos nomes dos povoados analisados.

Nesse sentido, percebemos que os nomes identificados no *corpus* analisado, em geral, designam lugares que se formaram, inicialmente, à margem de cursos d'água (lagoa ou rio) já existentes ou construído pela ação humana no território igaciense, viabilizando a vida social do lugar.

### Os cronotopônimos

Os cronotopônimos são nomes de lugares que fazem alusão a indicadores cronológicos representados pelo adjetivo novo(a). Nesse grupo de topônimos, identificamos um nome de povoados: (6) *Novo Rio*.

No caso desse cronotopônimo, evidenciamos que ele traz a marca da dinâmica toponímica em consonância com a alteração na história cronológica do povoamento desse espaço geográfico, pondo em foco uma nova perspectiva por parte do sujeito-nomeador, num tempo e num espaço determinados, em relação ao lugar que deu origem ao povoado Novo Rio.

### Ficha lexicográfico-toponímica do povoado Novo Rio

**Novo Rio** [novo-riense; lat.; composto]

Localizado na Mesorregião do Agreste Alagoano, Microrregião de Palmeira dos Índios, Município de Igaci. Topônimo classificado como *Cronotopônimo*.

Constituído por ML *nov-* + VT *-o*, ML *ri-* + VT *-o*. Etim. *adj.* do lat. XIII *novus -a* ‘moço, jovem’, ‘original’ ‘de pouco uso’, *sm.* do lat. XIII *rīvus -ī* ‘curso de água natural’ (CUNHA, 2010).

**Nota:** Diz a tradição que o primeiro habitante do povoado Novo Rio foi o senhor Bartolomeu. Ele veio de Portugal em 1850 e alojou-se em Garanhuns- PE, logo depois veio para a região alagoana que se tornaria o povoado Novo Rio. O topônimo primitivo do povoado foi o hidrotopônimo Rio Morto, esse nome fazia alusão a um rio existente na região, que de acordo com relatos de moradores antigos: “esse rio tinha um braço e formava um ‘S’”. Com o passar do tempo houve a mudança toponímica para o hagiotoopônimo São Sebastião, em homenagem ao santo padroeiro do lugar. Em 1980, foi instalada a rede de energia elétrica no local, então o poder político local, na época, sugeriu o nome de Novo Rio, em referência ao novo (re)começo que o povoado teria. Em razão disso, se tornou um costume denominar o povoado de Rio Novo, nome que permanece até os dias de hoje.

**Fonte:** *Relato oral (2015)*.

No caso do cronotopônimo Novo Rio, percebemos que, apesar das mudanças toponímicas: *Rio Morto* > *São Sebastião* > *Novo Rio*, o sujeito-denominador optou por “reutilizar” um nome que já existia no local para indicar nova fase da história do local ou



para diferenciar do topônimo já existente anteriormente.

Compreendendo que a língua reflete a sociedade de seu tempo e por isso não se separa do social, do cultural e do histórico. Nela, e em especial em seu léxico, encontramos as marcas mais profundas sobre a história de um lugar e sua cultura.

Temos aqui um caso de toponomização de um acidente físico, o rio, toponimizado no próprio nome do povoado, Novo Rio, em cujas margens o aglomerado humano se formou. Nessa escolha toponímica, percebemos a subjetividade constituída a partir de interações com os campos econômicos (fatores que integram a materialidade da vida, a condição de classe, etc.) e políticos (condição daqueles que governam e da forma como as pessoas se articulam no espaço democrático).

### **Uma discussão línguo-cultural: causas e motivações dos nomes dos povoados igacienses**

Após a análise das fichas lexicográfico-toponímicas, inferimos que o elo que uni a rede toponímica desses nomes de povoados igacienses é a ideia de articulação entre natureza e sociedade no processo de nomeação/apropriação de lugares por grupos humanos em que os indivíduos convivem, constituindo sua cultura.

A cultura é formada pelos diversos fatores que estão na sociedade, envolvendo os aspectos econômicos, sociais, políticos e ambientais. Nessas áreas são produzidas ideias, conceitos e discursos. Logo, entendemos que esses nomes não

representam, linguisticamente, apenas o sentido geográfico de localização, mas propõem efeito de sentidos para a interpretação da relação homem-natureza, na qual o sujeito-nomeador exalta particularidades da paisagem do espaço geográfico do município de Igaci.

Nessas escolhas toponímicas a subjetividade está presente e pode ser compreendida como os aspectos internos, íntimos do sujeito-nomeador e/ou de grupo sociais por ele representados. Tais escolhas envolvem o modo como o sujeito-nomeador se relaciona consigo mesmo, com o lugar circundante e com os outros, como ele interpreta o mundo em que vive, por meio de suas emoções, sentimentos e pensamentos.

Desse modo, pontuamos que esses topônimos traduzem saberes locais sobre os povoados igacienses por meio do detalhamento de aspectos naturais desses lugares destacados e replicados na medida em que esses nomes são usados na vida em sociedade.

Além disso, a análise desse recorte toponímico nos revelou uma tendência da toponímia brasileira, e mais especificamente no contexto da alagoana, já atestada na pesquisa de Melo (2018) sobre os nomes dos municípios alagoanos. Essa tendência consiste em escolhas toponímicas fundamentadas em um contexto bem definido: a exaltação das riquezas naturais da região – vegetação e hidrografia, que levariam à construção de um importante e significativo sentimento



de pertença sobre os povoados em questão.

Como visto nas fichas, as motivações desses topônimos se pautaram na observação dos elementos naturais da paisagem, fazendo alusão à vegetação: *Caraibinha*, *Coité das Pinhas* e à hidrografia: *Lagoa do Caldeirão*, *Lagoa do Capim*, *Lagoa do Félix* e *Novo Rio*, constituindo-se em elementos identitários que demarcam um campo de valores e práticas.

Cumprе ressaltar, ainda, que a paisagem é marcada pelo visível e pelo material, no entanto, ela não se configura de forma estática, pois está em constante processo de transformação e mutação, muitas vezes, caracterizado por grandes conflitos socioambientais.

Isso que dizer que o meio ambiente, enquanto elemento natural e social, se dá pela relação entre sociedade e natureza, configurando-se nesse recorte toponímico aqui estudado como o principal fator motivacional para as escolhas dos nomes dos seis povoados igacienses, localizado no interior do agreste alagoano.

Esses povoados se caracterizam não apenas como locais espaciais, físicos e

Um olhar quantitativo para o *corpus*

concretos que permitem aos moradores experimentarem a realidade tátil, mas como lugares de experiência, nomeados e descritos com uma simplicidade contundente por meio do reconhecimento e da valorização das relações afetivas desenvolvidas por sujeitos e grupos sociais com o meio ambiente. Desse modo, o lugar resulta de sentidos construídos pelas vivências individuais e coletivas e por referenciais afetuosos elaborados no decorrer dessas vivências.

Ao conceber e englobar espaços em que se estabelece vínculos sociais afetivos, o lugar encontra referências particulares e valores que conduzem diversas maneiras de captar o espaço geográfico. Logo, o lugar pode ser compreendido pela ótica das percepções emotivas e por meio do compartilhamento cotidiano das dinâmicas e experiências afetuosas entre populações e organizações institucionais.

Por fim, destacamos que está análise pôde recuperar as prováveis razões para a adoção dos topônimos dos povoados igacienses, revelando aspectos locais que são importantes para o homem daquele ambiente que foi nomeado.

Topônimo	Taxionomia	Quantidade	Percentual
<i>Caraibinha</i> <i>Coité das pinhas</i>	Fitotopônimo	2	33,3
<i>Lagoa do Capim</i> <i>Lagoa de Cadeirão</i> <i>Lagoa do Félix</i>	Hidrotopônimo	3	50%
<i>Novo Rio</i>	Cronotopônimo	1	16,7



Total	>>>>>	6	100%
-------	-------	---	------

Tabela 1

Incidência de topônimos por taxionomia na toponímia de povoados de Igaci/AL **Fonte:** Autor (2024)

A partir da tabela 1, evidenciamos o registro de 3 categorias toponomásticas no recorte toponímico dos nomes dos povoados do município de Igaci/AL, enquadradas nas seguintes taxas: 2 fitotopônimos, 3 hidrotopônimos e 1 cronotopônimo.

Ainda de acordo com os dados apresentados na Tabela1, podemos indicar que a taxionomia do grupo de natureza física prevaleceu para a escolha dos nomes dos povoados igacienses, revelando que esse acervo toponímico é resultante das imbricações desse elo humano e ambiental.

Dentro desse grupo taxionômico, quantitativamente, a taxa dos hidrotopônimos foi a mais recorrente com o percentual de 50%, seguida dos fitotopônimos e cronotopônimo com percentuais de 33,3% e 16,7%, respectivamente.

### Considerações finais

Como visto ao longo deste estudo, os espaços geográficos (aqui circunscritos aos lugares e territórios) são portadores de memória. E é partir da observação da interação homem-natureza e das histórias impressas nessas memórias que o pesquisador interpreta os meandros do processo de nomeação de aglomerados humanos.

No caso do recorte toponímico aqui analisado, evidenciamos a relação entre a sociedade (ação humana) e a natureza (ação ambiental), compreendidas como inseparáveis e que o conjunto dos nomes de povoados de Igaci é resultante das imbricações desse elo humano e ambiental, levando-se em consideração principalmente os referenciais hidrotoponímicos e fitotoponímicos.

Após a análise do *corpus* constituído, os resultados indicaram que no processo de nomeação dos nomes dos povoados analisados a paisagem natural agrega-se a aspectos culturais, econômicos e territoriais, repercutindo nas escolhas toponímicas. Por essa razão, evidenciamos a vegetação e a hidrografia como fatores determinantes para a nomeação dos povoados igacienses.

Com efeito, dentro do grupo dos nomes de categorias de natureza física analisado, observamos que os referenciais hidrológicos e fitológicos se revelaram os mais produtivos na prática denominativa dos povoados, revelando a preferência do sujeito-nomeador por elementos naturais básicos do seu ambiente circundante, em especial os da vegetação e os do elemento água, confirmando, assim, tendências toponímicas já demonstradas em outros estudos sobre a toponímia brasileira.

Por fim, esperamos que este estudo toponímico de vertente lexicológica possa

**LUMEN ET VIRTUS**  
**REVISTA INTERDISCIPLINAR**  
**DE CULTURA E IMAGEM**

**VOL. XV N° 37 JANEIRO-JUNHO/2024**  
**ISSN 2177-2789**

---



contribuir para posteriores pesquisas linguísticas sobre o léxico toponímico brasileiro, em seu recorte alagoano, colaborando para uma melhor

compreensão da Língua Portuguesa do Brasil, em sua formação, sua estrutura e seu funcionamento.



---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

BOLLE, W. História e memória, metodologia da história oral. In: DELGADO, L. A. N. (org.). **História Oral: memória, tempo, identidade.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 15-31.

BOTTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas.** São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do Mundo.** São Paulo: HUCITEC, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura política e política cultural.** São Paulo: Estudos Avançados 9 (23), 1995, p.71-84.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício; ISQUERDO, Aparecida Negri Isquerdo. A macro-toponímia dos municípios sul-mato-grossenses: mecanismos de classificação semântica. ISQUERDO, Aparecida Negri Isquerdo (Org.) **Toponímia: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul, v.2** [recurso eletrônico] – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3549>. Acesso em: 01 fevn. 2024.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira.** São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

\_\_\_\_\_. Fundamentos teóricos da toponímia. Estudo de caso: o projeto ATEMIG - Atlas toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas toponímico do Brasil). In M. C. T. C. Seabra (Org.), **O léxico em estudo.** Belo Horizonte, MG: UFMG. 2006. p. 91-118.

\_\_\_\_\_. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. **Trama**, 3(5), 2007. P. 141-155. DOI: <https://doi.org/10.48075/rt.v3i5.965>

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). **As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia.** v. VI. Campo Grande - MS: Editora da UFMS, 2012, p. 115-139.

RELPH, Zech C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, n. 4, v. 7, p. 1-25, 1979.



---

ROCHA, Lurdes Bertol; ALMEIDA, Maria Geralda. Cultura, mundo-vivido e território. In: **SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE**, 2005, Londrina. **Anais**. Londrina: UEL, 2005. Disponível em: <http://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/11/lurdes.pdf>

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. **Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi: significado dos nomes geográficos de origem tupi**. 2.ed. Brasil: Traço, 1997. 197 p.

---

<sup>i</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor Titular da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Email: [pedro.melo@uneal.edu.br](mailto:pedro.melo@uneal.edu.br).

<http://orcid.org/0000-0003-4873-564X>